Ameaça ESCONDIDA no DIA a DIA

Organização Mundial da Saúde (OMS) e Programa da ONU para o Meio Ambiente (Pnuma) lançam relatório em conjunto alertando sobre o risco de substâncias químicas presentes de embalagens a brinquedos, especialmente para a infância

» PALOMA OLIVETO

Substâncias químicas presentes em embalagens de alimentos, cosméticos, brinquedos, roupas e utensílios domésticos podem interferir no funcionamento dos hormônios e provocar consequências para a saúde desde a fase intrauterina, alerta um relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e da Organização Mundial da Saúde (OMS). Divulgado ontem, o documento reúne mais de uma década de evidências científicas sobre os chamados desreguladores endócrinos e alerta para os riscos à população e ao meio ambiente.

Esses compostos são capazes de interferir no sistema endócrino, responsável pela produção e regulação dos hormônios que controlam funções fundamentais do organismo, como crescimento, desenvolvimento, reprodução e metabolismo"Os hormônios são mensageiros químicos que regulam funções essenciais do organismo, como crescimento, metabolismo, fertilidade e desenvolvimento do cérebro. Os desreguladores endócrinos são substâncias que podem imitar, bloquear ou interferir na ação desses hormônios", explica Joao Lucas Altoe Franco, coordenador da Pediatria do Hospital Brasília Águas Claras, da Rede Américas. "Algumas dessas substâncias podem provocar alterações mesmo em baixas doses, especialmente durante a gestação e a infância."

A exposição pode ocorrer pela alimentação, água, ar, poeira doméstica e por contato direto com produtos de consumo. Entre as substâncias investigadas estão os bisfenóis e os ftalatos, encontrados em determinados plásticos e brinquedos; os PFAS, conhecidos como substâncias per e polifluoroalquiladas, presentes em alguns tipos de embalagens de alimentos, tecidos e móveis; e os parabenos, utilizados como conservantes em produtos de higiene e cuidados pessoais.

Segundo o relatório, pesquisas associam a exposição a esses compostos à redução da qualidade dos espermatozoides, alterações nos níveis de hormônios reprodutivos e problemas que afetam a saúde feminina, como endometriose e síndrome dos ovários policísticos. Também há evidências de interferência nos mecanismos que regulam o metabolismo, o que pode contribuir para obesidade, diabetes tipo 2 e doenças hepáticas.

Maturação

Uma das preocupações destacadas no relatório é a vulnerabilidade das crianças. Os hormônios desempenham papel essencial no crescimento, na formação do cérebro e na maturação sexual. Além disso, em relação ao peso corporal, meninas e meninos podem receber doses proporcionalmente maiores dessas substâncias porque comem, bebem e respiram mais do que os adultos.

A exposição pode começar ainda durante a gestação. Pesquisadores já identificaram desreguladores endócrinos no leite materno e no sangue do cordão umbilical, evidências de que esses compostos podem alcançar o organismo desde os primeiros estágios do desenvolvimento. Para Sheila Aggarwal-Khan, diretora da divisão de Indústria e Economia do Pnuma, as pesquisas acumuladas nos últimos anos ampliaram o conhecimento sobre os efeitos dessas substâncias. "Agora temos mais de uma década de novas evidências mostrando como esses produtos químicos podem prejudicar as pessoas e o meio ambiente", afirma.

No relatório conjunto da OMS e do Pnuma, os pesquisadores também destacam possíveis efeitos sobre o desenvolvimento e o funcionamento do sistema imunológico. Estudos identificaram associações com asma, alergias e algumas doenças autoimunes, reforçando essa relação. Além disso, "a saúde cardiovascular e renal estão entre as áreas que começam a despertar preocupação", diz o documento.

A relação com o câncer também foi abordada no relatório, que destaca evidências relacionando determinados desreguladores endócrinos a alguns tumores hormônio-dependentes. "Embora a incidência de doenças associadas à exposição tenha aumentado, ainda é difícil determinar exatamente quanto desse crescimento pode ser atribuído aos compostos químicos", ressaltam os autores.

Consumidor

Os consumidores podem reduzir parte da exposição com algumas mudanças de hábito. O documento recomenda dar preferência a recipientes de vidro ou aço inoxidável para armazenar e aquecer alimentos, verificar a composição dos produtos de higiene e evitar tratamentos químicos desnecessários em tecidos e móveis. A ventilação regular dos ambientes também pode ajudar a diminuir a concentração de substâncias presentes em móveis e equipamentos eletrônicos.

Porém, Sheila Aggarwal-Khan, ressalta que as escolhas individuais não resolvem o problema. "Por si só, elas não podem eliminar a exposição", afirma. Para o Pnuma a responsabilidade central deve ser compartilhada por governos e fabricantes, com regras mais rigorosas para garantir que produtos seguros cheguem ao consumidor.

"Proteger a saúde significa evitar exposições prejudiciais antes que elas ocorram", ressalta Bruce Gordon, do Departamento de Meio Ambiente e Mudanças Climáticas da OMS. "As crescentes evidências sobre produtos químicos desreguladores endócrinos destacam a importância de identificar riscos precocemente, fortalecer o monitoramento científico e garantir que os produtos químicos usados em produtos do dia a dia sejam seguros, especialmente para mulheres grávidas, crianças e gerações futuras."

UN Photo/Martine Perret/Divulgação



Substâncias contidas no plástico podem contaminar recursos hídricos, colocando a saúde e o ambiente em risco

Três perguntas para

JOAO LUCAS ALTOE FRANCO, coordenador da pediatria do Hospital Brasília Águas Claras, da Rede Américas

Por que fetos e crianças são mais vulneráveis aos desreguladores endócrinos?

A exposição pode começar antes mesmo do nascimento. Algumas dessas substâncias já foram identificadas no sangue do cordão umbilical e no leite materno, demonstrando que o contato pode ocorrer desde as primeiras fases da vida. Durante a gestação e os primeiros anos, os órgãos estão em formação e amadurecimento. O cérebro, por exemplo, depende de uma regulação hormonal muito precisa para se desenvolver adequadamente. Uma interferência nesse período pode ter consequências que persistem por muitos anos e, em algumas situações, podem ser permanentes.

O que os estudos evidenciam sobre a exposição precoce?

Estudos associam a exposição precoce a determinadas substâncias a alterações do desenvolvimento neurológico, da aprendizagem e do comportamento. Também existem associações com alterações na formação do sistema reprodutor masculino, incluindo a criptorquidia, condição em que um ou ambos os testículos não descem adequadamente para a bolsa escrotal. Isso não significa que toda criança exposta desenvolverá algum problema, mas mostra por que a gestação e a primeira infância merecem atenção especial. Vale esclarecer também que a presença dessas substâncias no leite materno não é motivo para interromper a amamentação. As evidências disponíveis indicam que seus benefícios continuam superando os possíveis riscos dessa exposição na maioria das situações.

Como podemos reduzir a exposição no dia a dia?

É praticamente impossível eliminar completamente o contato com essas substâncias, porque elas estão presentes em diferentes produtos e no ambiente. Mas algumas medidas podem ajudar a reduzir a exposição, como preferir alimentos frescos ou minimamente processados; sempre que possível, utilizar recipientes de vidro ou aço inoxidável para guardar alimentos; evitar aquecê-los em recipientes plásticos. No caso de cosméticos e produtos de higiene, dar preferência, quando possível, a produtos sem fragrâncias e evitar o uso desnecessário de produtos antibacterianos com triclosan. É importante atenção com o bisfenol A: a ausência do composto não significa necessariamente a de outras substâncias com potencial de interferência hormonal. Alguns de seus substitutos, como BPS e BPF, também despertam preocupação científica. Mas não podemos colocar toda a responsabilidade sobre as famílias. Por isso, além das medidas individuais, são fundamentais a fiscalização, a regulamentação e o desenvolvimento de alternativas mais seguras pela indústria. (**PO**)

COP31

Impasses trancam as negociações a três dias do encerramento

Um dia depois da apresentação do primeiro rascunho do documento final da 31ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP31), os pavilhões do Antalya Expo Center, em Antália, na Turquia, foram tomados por divergências que trancaram as negociações. O documento, divulgado na véspera pela copresidência australiana do evento, condensa, em 144 parágrafos, as demandas de 196 delegações e não agradou a ninguém. Os principais impasses estão nos pontos sobre financiamento climático, metas de redução das emissões de gases de efeito estufa e abandono dos combustíveis fósseis.

Esse último enfrenta resistência de países produtores de petróleo do Oriente Médio e ficou de fora da COP30, de Belém. Porém, a transição acelerada da matriz energética para fontes limpas, uma das principais demandas da delegação brasileira, voltou a ser destaque na redação do rascunho. O texto também defende limitar o período em que o planeta ultrapassará o teto de aquecimento de 1,5°C, estabelecido pelo Acordo de Paris e considerado pela ONU próximo de ser superado.

Na área financeira, o rascunho pede que os países desenvolvidos destinem US$ 120 bilhões (cerca de R$ 694 bilhões) por ano, até 2035, às nações em desenvolvimento para financiar medidas de adaptação às mudanças climáticas. Também propõe que os países ricos assumam a liderança no combate ao aquecimento global, com neutralidade de carbono até 2030 e emissões negativas até 2040.

"Para a COP31 ser bem-sucedida, ela precisa garantir avanços concretos nas decisões de Belém e acelerar sua implementação", avalia Tatiana Oliveira, líder da Estratégia Internacional do WWF-Brasil. "Não podemos aceitar mais impasses enquanto a crise climática se agrava e os países mais vulneráveis seguem sem os recursos necessários para enfrentar seus impactos. A falta de transparência sobre o financiamento climático, especialmente em relação à origem dos recursos, aos valores efetivamente disponibilizados e às condições de acesso, compromete a confiança entre os países e dificulta a cobrança dos compromissos assumidos."

Orhan Çiçek/Anadolu Agency/Divulgação



Entrada do evento: divergências sobre combustíveis fósseis

Compromissos

Os países têm até sexta-feira para chegar a um consenso sobre a chamada decisão de capa — declaração política que sintetiza os principais compromissos da conferência. A aprovação, porém, não está garantida. A Rússia e os países árabes estão entre os que apresentam resistência ao texto.

A produção de conhecimento científico também entrou na disputa diplomática. O projeto de decisão convida o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) a publicar seu próximo relatório a tempo de subsidiar a segunda avaliação global do cumprimento das metas climáticas, prevista para 2028.

A publicação é considerada importante para orientar as decisões políticas com base nas evidências científicas mais recentes. Índia e Arábia Saudita, porém, defendem que o documento seja divulgado apenas em 2029. Em comunicado, os sauditas afirmaram não se opor à publicação de relatórios científicos, mas defenderam prazos maiores para garantir uma revisão adequada das evidências.

Já a União Europeia e os pequenos Estados insulares do Pacífico pressionam pela divulgação antecipada. Para essas nações, o atraso pode comprometer a ambição das políticas climáticas. Em nota, a presidente da Aliança dos Pequenos Estados Insulares (Aosis), Ilana Seid, classificou como "injustificável" qualquer adiamento do relatório. (**Paloma Oliveto**)